



VILLA, Marcelo. Sobras são disputadas nas feiras livres de Campinas: moradores de baixa renda levam à mesa restos de alimentos. Correio Popular, Campinas, 05 ago., 2001.

Sobras são disputadas nas feiras livres de Campinas

MORADORES DE BAIXA RENDA LEVAM À MESA RESTOS DE ALIMENTOS

MARCELO VILLA
Do Correio Popular
villa@rac.com.br

Na semana em que as cenas de favelados garimpando alimentos nos escombros de um incêndio na Centrais de Abastecimento S.A. (Ceasa) do Rio de Janeiro chocaram o País, a desempregada Divina Maria de Jesus, 49 anos, cumpria em Campinas a triste rotina de procurar o que comer entre as sobras das feiras livres da cidade. A “xepa”, como é conhecida a mercadoria rejeitada pelos feirantes, garante o sustento de desempregados e sem-teto até mesmo nos lugares mais improváveis, como a badalada Nova Campinas, bairro de classe média alta na região Leste da cidade.

Embora não exista um mapa definido sobre o tamanho da fome e da miséria na cidade, um estudo recente da Fundação Getúlio Vargas (FGV) indica que a Região Metropolitana de Campinas (RMC) – que engloba 19 municípios – agrupa uma população de 78.588 habitantes vivendo abaixo da linha da pobreza, com renda máxima mensal de até R\$ 90,00. A maioria vive de subempregos ou mesmo de esmolas, como é o caso de Divina Maria.

Desempregada e com a saúde debilitada pelo diabetes e pela hipertensão, Divina mora em um barraco erguido em um terreno particular do bairro Chácaras da Barra, nas imediações do Shopping Iguaçu. Viúva e obrigada a cuidar de um filho deficiente mental, com quem divide o barraco, passa os dias na esquina das avenidas José de Souza Campos (Norte-Sul) e Orosimbo Maia pedindo esmolas aos motoristas. “Tudo que consigo é para comprar comida e algum remédio que às vezes não tem no posto de saúde”, lamentou.

**Na região,
78.588 pessoas
vivem abaixo
da linha da
pobreza**

Ela não sabe estimar quanto consegue arrecadar, mas indica que é pouco, ao revelar que só consegue almoçar todos os dias graças às sobras que pega nas feiras livres da cidade. “Às terças vou na feira do Guanabara, quinta é aqui no Cambuí, e, quando a semana

é fraca, tenho que ir na feira do Bosque, de sexta-feira”, comentou.

Na última quinta-feira, ela estava satisfeita com o resultado na peregrinação feita na feira livre da Rua Capitão Francisco de Paula, no Cambuí. “Hoje rendeu bem”, comemorou. O carrinho que leva para as feiras estava cheio com farta variedade de mexericas, tomates, meio abacaxi e dois pés de brócolis, com as bordas amareladas. “Tem até limão galego, que é muito bom para fazer suco”, observou. “É só assim, catando as sobras das feiras, que consigo seguir a dieta que o médico manda fazer. Por causa da diabete,

tenho que comer muita fruta e verdura”, completou.

RENDA MÍNIMA

Embora viva de esmolas e da “xepa” que consegue nas feiras, Divina afirma que nunca ouviu falar no programa Renda Mínima, da Prefeitura de Campinas, que atende famílias com renda per capita (por pessoa) de até R\$ 35,00. “Se tivesse uma ajuda da Prefeitura, seria muito bom, mas nunca soube disso”, afirmou.

Criado no segundo mandato do ex-prefeito José Roberto Magalhães Teixeira (PSDB), em 1994, o Renda Mínima é aplicado até hoje e atende atualmente 2.229 famílias, de acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social. Em números absolutos, são 8.803 pessoas beneficiadas pelo programa. O valor médio pago para cada família é de R\$ 126,40, sendo que o maior benefício liberado no mês passado foi de R\$ 350,00 e o menor, de R\$ 24,00.

No entanto, a própria Secretaria reconhece que o programa atende um reduzido número de famílias e pretende aumentar a participação de beneficiados no ano que vem, para pelo menos 3.300 famílias. Proposta nesse sentido será apresentada nas reuniões do conselho do Orçamento Participativo (OP), que devem ocorrer até o final de setembro.



Pessoas catam sobras em feira livre de Campinas: vivendo dos restos dos outros



Adélla e sua nova família: almoçando comida feita com sobras de feira livre do Cambuí